



“Direito à preguiça”, de Camila Betoni, 2021, acrílica sobre tela

Meus encontros com Ruth Landes

Mariza Corrêa*

Gostaria, em primeiro lugar, de agradecer o convite para estar aqui hoje: tenho uma relação afetiva, e intelectual, muito grande com a Bahia e é bom estar de volta aqui com os amigos.

Nos encontramos aqui para falar de Ruth Landes. Acho que o que eu sei sobre ela já escrevi em dois textos – neste que é o prefácio à segunda edição do seu livro *A cidade das mulheres* (Landes, 2002), e num outro que agora está sendo publicado em livro – e não creio que seja necessário repetir aqui o que está lá. Mas gostaria de aproveitar esta discussão para enfatizar algumas coisas que não foram ditas, ou foram ditas de maneira rápida, nesses textos e de contar meus encontros com Ruth Landes.

Começando pelo começo: é curioso que eu tenha descoberto Ruth Landes, e em seguida um livro que tinha o depoimento dela sobre sua pesquisa no Brasil (*Women in the field: anthropological experiences*, editado por Peggy Golde, 1986), nos anos setenta, nos Estados Unidos, e um pouco antes de pensar em me tornar antropóloga. Às vezes me pergunto se esses dois textos não foram uma razão inconsciente para que eu me decidisse a fazer o curso de antropologia quando tive a sorte de ir morar em Campinas, um ou dois anos depois. Re-encontrei Landes nos cursos de Peter Fry sobre as religiões de origem africana e me apaixonei pelo livro, que também então descobri que estava traduzido para o português. Depois me esqueci dela por uns anos até que comecei minha pesquisa sobre Nina Rodrigues, quando tornei a ler o livro, ainda no contexto da discussão sobre o campo religioso, mas com uma nova descoberta: a ‘falseta’ de Arthur Ramos, título do artigo em que Édison Carneiro (2010) contava a perseguição de Arthur Ramos a Landes.

Na época de meu quarto encontro com Landes, eu estava fazendo uma pesquisa sobre a história da antropologia no Brasil e recolhendo depoimentos de antropólogos brasileiros ou que tinham trabalhado aqui no período de constituição da nossa disciplina. Foi quando conheci Thales de Azevedo e tantos outros personagens queridos, boa parte dos quais já não estão entre nós. Leni Silverstein, que então estava no Brasil, fazendo pesquisas na Bahia, me sugeriu que escrevesse a Landes e me deu seu endereço no Canadá. Escrevi para ela e obtive resposta. É uma correspondência curta, a nossa, são três cartas minhas e três cartas dela, mas as dela mostram bem como ela tinha uma vívida lembrança do tempo que passou aqui, das pessoas que conheceu, e, especialmente, da perseguição que sofrera por parte de Arthur Ramos e de Melville Herskovits, dos quais fala logo na primeira carta. São tão vívidas e aguerridas essas cartas que não me dei conta, à época, que eram escritas por uma mulher de quase oitenta anos.

Eu, então com um pouco mais do que metade de sua idade, estava muito envolvida com as questões de gestão da universidade e logo a pesquisa sobre a história da antropologia ficou em segundo plano – estrago que ainda pretendo reparar, em algum momento. E foi só mais adiante, ao descobrir que ela estava sendo recuperada para a história da antropologia e do feminismo pelo interesse que dedicara às mulheres em suas pesquisas – o livro *The Ojibwa woman* (Landes, 1969) foi publicado no mesmo ano em que ela chegou ao Brasil, 1938 – que reli, mais uma vez, seu livro, agora de uma nova perspectiva.

Mas essa ‘nova perspectiva’ me dava uma sensação de incômodo que eu não sabia definir bem e foi só ao recolocá-la no contexto de sua época, o momento de institucionalização dos estudos sobre ‘o negro’, nos Estados Unidos e no Brasil, os anos trinta e quarenta do século passado, que fui me dando conta da razão do incômodo. Há três pontos principais sobre os quais ele se apóia e são

* *In memoriam* (1945-2016). Foi fundadora do Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu e professora do departamento de antropologia, ambos da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, SP, Brasil. Nota das editoras: a lista de referências bibliográficas não compõe o texto original, que é uma conferência. Ela foi acrescentada por imposição da Scielo, como condição para publicá-lo.

também os pontos que gostaria de enfatizar porque não sei se eles foram suficientemente explicitados nos textos que mencionei antes e porque creio que eles dão bem uma idéia da posição ocupada por Ruth Landes na história da antropologia no Brasil.

O primeiro ponto diz respeito, justamente, à sua ‘recuperação’ pelos estudos de gênero, da perspectiva feminista, o que põe a condição de mulher de Landes, e sua ênfase nas mães de santo, em primeiro plano. Essa leitura apaga, deleta, o ponto crucial da crítica de Arthur Ramos, que foi o escândalo que causou na época a afirmação, pública, de que havia homossexuais nos cultos de Salvador. Sua ênfase na preeminência das mães de santo nos terreiros de candomblé certamente não era uma novidade: desde o tempo de Nina Rodrigues, de quem Arthur Ramos se considerava discípulo, e de cuja obra era o mais zeloso guardião, os nomes de mães de santos excediam os de pais nos terreiros de candomblé. Basta ver a lista de nomes citados por Nina em *O animismo fetichista* (Rodrigues, 1935).

O próprio Arthur Ramos já havia citado, em um de seus livros anteriores à vinda de Landes ao Brasil, uma notícia de jornal na qual o jornalista desmascara uma mãe de santo de um culto caboclo baiano, mostrando que se tratava de um homem vestido de mulher. E, ao dizer que a presença de homossexuais como pais de santo nos ritos era expressiva nos cultos de caboclos, e reduzida nos candomblés, nos quais reinavam as mães, Ruth Landes seguia a versão canônica dos estudiosos da época: os cultos de caboclo eram uma deturpação, uma degeneração, dos candomblés. Isto é, que o princípio feminino estava no seu lugar nos cultos tradicionais e deslocado nos cultos de caboclo.

Porque, então, o argumento de Landes era escandaloso? Porque, pela primeira vez, o argumento era expresso em toda a sua extensão, mostrando uma cena local não homogênea, não ‘africana’ e, portanto, não alinhada à versão que era então dominante nos estudos sobre o negro brasileiro: uma população de descendentes de escravos, mais negra que mestiça, mais africana que brasileira – e certamente patriarcal por decalque, ainda que este último fosse um aspecto subliminar da questão. O retrato pintado por Landes em tons muito vivos contrastava com o negro de papel, o negro histórico, que era o centro das atenções dos pesquisadores da época, ampliando a gama de possibilidades de pesquisa do campo religioso que, desde então, foi percebido como tão o mais heterogêneo do que o de sua descrição. Além disso, ao mostrar em suas descrições o que Nina Rodrigues afirmara anos antes – ‘na Bahia todas as classes estão aptas a se tornarem negras’ – retirava também o negro de uma sub-cultura na qual alguns estudiosos insistiam em mantê-lo, criando assim uma espécie de ‘reserva’ para suas pesquisas.

Este primeiro ponto diz respeito então à ruptura de um paradigma científico que estava, ele próprio, se constituindo como tal naquele momento, e tem conseqüências para o segundo ponto que quero enfatizar aqui: o campo de estudo das relações raciais que se constituía na época no Brasil tinha importância central para o campo de estudos também em constituição nos Estados Unidos e aquele tinha, por sua vez, forte ressonância nos trópicos. Tanto no caso brasileiro quanto no caso norte-americano havia pelo menos duas facções em conflito, Melville Herskovits ocupando uma posição polar em relação a Franklin Frazier e cada um deles com uma esfera própria de influência. Ao se aliar a Herskovits, Arthur Ramos tomava posição também no debate internacional e emprestava seu prestígio de líder no campo brasileiro ao pesquisador norte-americano. Este, por sua vez, ao apoiar Ramos, trazia para respaldá-lo o peso da academia norte-americana e ganhava também uma posição num país que era estratégico para as pesquisas a respeito das relações raciais na época – como é até hoje. Ao adentrar esse campo binacional, Landes se aliou com Frazier nos Estados Unidos e com Heloisa Alberto Torres no Brasil – estando a diretora do Museu Nacional estruturalmente no pólo de oposição ao catedrático da Faculdade de Filosofia, que buscava redefinir os estudos antropológicos no país a partir dos estudos ‘sobre o negro’ e não, como era a linha do Museu, dos estudos etnológicos. Ou seja, que o trabalho de Ruth Landes, e a crítica que sofreu, permite uma leitura da ótica da história da ciência, ou da história intelectual, que pode ser desdobrada em vários níveis: o nível mais local, em Salvador, lá onde Landes se alia com o jovem jornalista que era também uma espécie de cliente de Arthur Ramos; o nível nacional, no qual as lideranças intelectuais disputavam as definições das ciências que professavam e ocupavam lugares estratégicos que faziam com que sua influência repercutisse no país – editoras, cátedras, comissões do governo, relações com

agentes internacionais – e, finalmente, o nível internacional, onde essas disputas se expressavam e ganhavam nova ressonância – caso da pesquisa da UNESCO, por exemplo.

Finalmente, o terceiro ainda é um ponto obscuro que poderia se expressar na pergunta – quem inventou a baiana como símbolo de brasilidade? Não vou dizer que foi Ruth Landes, pois estaria simplificando um longo processo histórico e reduzindo a louvação o que deve ser análise. Mas Landes certamente teve um papel importante nesse processo. Como ela descreve no livro, quando saiu da Bahia, praticamente fugindo dos esbirros da polícia política, conseguiu contrabandear para o navio que a levaria para o Rio todo o seu material de pesquisa – nele incluído um lote de bonecas baianas de pano, feitas pelas mães de santo que entrevistara e de quem se tornara amiga. Tais bonecas, como produção local, mereceriam um estudo à parte, que ainda está por ser feito. Um ano depois de sua saída da Bahia, Heloisa Alberto Torres, talvez inspirada pela coleção de Landes, encomendou na Bahia, para as mesmas mães de santo, socorrendo-se da intermediação de Édison Carneiro, outra coleção de bonecas, dessa vez para exibí-las numa Exposição Internacional em Lisboa. As bonecas estão até hoje no Museu Nacional, para onde retornaram já que sua presença, assim como o trabalho de Landes, também provocou um escândalo – dessa vez expresso pelos senhores da Comissão encarregada de gerir a parte brasileira da exposição - e que não queriam ver o Brasil apresentado “como um país de negros e macumbas”. Repreensão semelhante ouviu uma jovem portuguesa ao ser apresentar em outra cena internacional, a Feira de Nova Iorque, vestida de baiana e cantando sambas que nos apresentariam como “mestiços sensuais em cujo meio só imperam os remexos da concupiscência carnavalesca”. A moça era Carmen Miranda, a cujo espetáculo Ruth Landes foi assistir, conforme uma carta que escreveu a Heloisa Alberto Torres. As bonecas baianas, assim como as disputas teóricas em torno da definição do negro no Brasil, também fizeram um longo percurso desde sua cena local, passando pelo crivo nacional – o Museu Nacional, as casas de espetáculos cariocas – até chegarem à cena internacional. Talvez não seja por acaso que a bela capa da primeira edição deste livro seja uma baiana estilizada no desenho de Marius Lauritzen Bern.

Há ainda um comentário de pé de página que merece registro: ao chamar seu livro de *A cidade das mulheres*, Landes não estaria prestando homenagem à primeira literata feminista do Ocidente, expressando no próprio título seu viés moderno? O livro de Christine de Pisan, publicado no século 14, se chamava *Livre de la cité des dames*.

Paro por aqui, não sem antes dizer que me encontrei de novo com Ruth Landes nas páginas da bela biografia que Sally Cole escreveu sobre ela, a ser publicada este ano [*Ruth Landes and American Anthropology*, e torno a encontrá-la hoje, aqui, com vocês. Espero voltar a encontrá-la ainda muitas vezes. Muito obrigada.

Mariza Corrêa, março de 2003.

Referências bibliográficas

CARNEIRO, Edson. *Artur Ramos Falsetto* - http://www.vibrant.org.br/downloads/v7n1_carneiro.pdf

LANDES, Ruth. *A cidade das mulheres*. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 2002.

LANDES, Ruth. *The Ojibwa Woman*. New York, AMS Press, 1969 [1938].

LANDES, Ruth. *Women in the field: anthropological experiences*, editado por Peggy Golde Berkeley, University of California Press, 1986.

RODRIGUES, Nina. *O animismo fetichista*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1935.